

---

# O QUE DIZ A COMUNIDADE? A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA VISTA PELOS ACTORES EXTERNOS (UM ESTUDO DE CASO)

---

Armando Loureiro\* e Arruê Cristóvão\*\*

---

*A sociedade exige cada vez mais às Universidades, sendo crescentes e cada vez mais diversificadas as expectativas que tem em relação ao seu desempenho. Reflectir sobre esta problemática a partir de um caso concreto é a finalidade deste artigo. Mais precisamente, apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos no que diz respeito à visão que o exterior, representado por instituições da região, tem do desempenho da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em matéria de extensão, começando pela realização de uma breve reflexão teórica acerca do tema.*

## A Relação da Universidade com a Sociedade

A relação entre Universidade e sociedade é discutida desde há muito tempo. Na verdade, desde a formação daquela, na Idade Média, que se lhe pede resposta para determinadas exigências (Marchetti, 1980). Mas a rapidez com que a mudança social se deu, sobretudo depois da década de 60, fez aumentar as expectativas da sociedade, que começou a exigir a participação daquela na resolução dos seus problemas económicos e sociais (Santos, 1994). E, se até à década de 60 tal apelo se dirigiu, preferencialmente, para uma ver-

---

\* Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

\*\* Departamento de Economia e Sociologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

tente economicista, a partir de então surge uma nova vertente de orientação social e política. São vários os autores que pensam que ela não tem conseguido responder a tais exigências, o que os tem levado a realizarem fortes críticas, apelidando a Universidade de "Torre de Marfim" (Santos, 1994).

As críticas têm sido muitas e diversas. Cristóvão e Portela (1992: 26) alertam para a permanência de "um déficit importante na relação Universidade – Sociedade". Saraiva (s/d) diz que a articulação não tem sido a desejada porque a Universidade não tem o poder de adaptação necessário ao ritmo a que a mudança se tem dado. Na verdade, esta instituição está numa situação difícil ao ser desafiada pelas cada vez maiores exigências da sociedade e pela cada vez maior desresponsabilização financeira do Estado, o que faz com que não consiga responder aos desafios colocados (Santos, 1994).

Mas as críticas não vêm apenas dos que defendem a sua ligação à sociedade. Elas vêm, também, dos que pensam o contrário. Bloom (1988) afirma que a Universidade não deve querer fazer tudo pela sociedade. Queiró (1995) diz que as suas funções são o ensino e a investigação e tudo o que se afaste delas será fugir aos reais objectivos universitários. Barreto (1992: 190) defende que "mais do que virar-se para o 'exterior' ( ), a Universidade precisa de reforçar o seu carácter de comunidade académica". Estes autores incluem-se na visão idealista da Universidade, na linha de Ortega e Gasset que, em 1930, defendia para a Universidade a transmissão da cultura, o ensino das profissões, e a investigação científica e educação dos novos homens de ciência (Ortega y Gasset, 1997).

Seja qual for a ideia que dela se tenha, o que parece inegável é que a Universidade tem em mãos um processo de gestão de contradições, proveniente da integração de múltiplas funções, que está na origem da sua actual crise (Santos, 1994). Na verdade, a Universidade, sobretudo a partir do final da década de 50 e princípios da de 60, tem vindo a englobar novas funções (OCDE, 1987), ao ponto de constituir hoje "um contexto novo" (CRUP, 1996: 15).

No segundo encontro colectivo das organizações não governamentais da UNESCO sobre a educação superior, Seidel (1991), citado por Cabal (1993), mencionou como funções mais esperadas por parte da sociedade em relação à Universidade, entre outras: o fornecimento de educação e adestramento numa estrutura que combine investigação e ensino; o fornecimento regular de pes-

soal qualificado para o mercado de trabalho; o desempenho de um papel importante no desenvolvimento regional; e uma função social relevante na promoção do desenvolvimento intelectual e social da própria sociedade.

A OCDE (1987: 30-34) apontou dez funções às actuais Universidades dos países que a compõem, entre as quais: “proporcionar educação pós-secundária geral, de modo a desafiar e desenvolver as capacidades dos grupos mais competentes de finalistas e, em alguns países, através da preparação de cursos de extensão universitária, contínua, para adultos”; desenvolver actividades “de investigação e ensino . . .”; “providenciar uma educação especializada e profissional de alto nível . . .”; fornecer “uma variedade de serviços à sua região . . .”

Noutro documento, “Educação Superior e Desenvolvimento Nacional em Quatro Países: Índia, Bangladesh; Tailândia e Filipinas”, produzido pela UNESCO em 1988, pode-se ler: “as instituições de educação superior têm tradicionalmente ( ) duas funções principais – ensino e investigação ( ) Nos anos recentes, uma terceira função emergiu, foi a extensão . . .” (Cabal, 1993: 27)

Como vemos, são muitas as expectativas em relação à Universidade e são também múltiplas as formas de a entender. Para nós, ela é uma instituição complexa, cuja dinâmica é explicada por influências externas e internas, no âmbito da qual se realizam uma série de actividades ligadas às suas funções (ensino, investigação e extensão) e da qual se espera que contribua para o desenvolvimento em geral, e em particular para o desenvolvimento local e regional. Aliás, a este propósito, Romero (1988) refere que a Universidade actual tem como objectivos consensuais a investigação, a educação e o serviço/intervenção na resolução dos problemas do meio envolvente. Sendo o nosso interesse a função extensão, passamos a realizar uma análise mais profunda da mesma.

## **A Penetração da Ideia de Extensão Universitária. Um Ideal Não Realizado?**

### ***O Processo de Integração***

São vários os autores que apontam o século XIX como aquele onde pela primeira vez foi utilizado o termo extensão no contexto universitário. Por

exemplo, Figueira (1992) afirma que as actividades de extensão tiveram origem em meados do século XIX na Universidade de Cambridge e eram destinadas a pessoas que não a podiam frequentar

A ideia foi-se espalhando e atingiu maior força sobretudo a partir dos anos 60, altura em que a Universidade se viu confrontada com as cada vez maiores exigências da sociedade, que foi apelando com intensidade para a sua participação em múltiplas direcções, que Santos (1994) resumiu em exigências produtivistas e sócio-políticas

Em Portugal, a primeira referência à extensão foi feita no decorrer da Primeira República, na Constituição Universitária de 1911, na qual se defendia, como fim da Universidade, a difusão da “alta cultura na massa da nação, pelos métodos de extensão universitária” (Crespo, 1993: 35) Mas tal intenção durou pouco tempo, pois “o texto de 1918 acentua o fecho das instituições universitárias sobre si” (Crespo, 1993: 36). A verdade é que esta tentativa não passou disso mesmo e só na presente década tais acções começaram a ter importância, graças ao apoio de iniciativas como o PEDIP (Ruivo, 1994) e à legislação da década anterior: Lei de Bases do Sistema Educativo e Lei da Autonomia das Universidades

Não queremos dizer com isto que neste hiato temporal não mais se tenham feito referências legais à extensão. Mas, também não podemos afirmar que esta proclamação se tenha efectivado entre nós e em muitos outros países, pelo menos da forma desejada. É neste aspecto que incidiremos de seguida.

### ***Da Proclamação à Não Efectivação***

Apesar da intensificação da ideia de extensão universitária, são vários os autores que afirmam que a sua concretização tem sido insuficiente. Santos (1994: 198) diz mesmo que estas actividades assumidas pela Universidade têm “constituído a realização frustrada de um objectivo genuíno”

Um exemplo concreto desta frustração é dado por Marchetti (1980), ao sublinhar que as metas estabelecidas pela Universidade Federal do Ceará, em termos de extensão, não foram conseguidas tendo sido fracos os resultados da actividade do Departamento de Extensão e das suas divisões de Integração

Universidade – Comunidades Rurais, de Integração Universidade – Empresa, de Cursos e Serviços de Extensão, e de Actividades Artísticas e Culturais

Mas, afinal, que razões têm impedido a sua concretização? Santos (1994: 163) fala-nos da “rigidez funcional e organizacional”, da “aversão à mudança” por parte da Universidade, o que logicamente pode ser entendido como factor dificultador da inserção de novas funções. Este aspecto é também referido por Marchetti (1980: 235), quando diz que à pretensão de se realizar a “difusão dos resultados de certas investigações” se opõem professores, autoridades universitárias e “representantes de organismos exteriores à universidade”

O facto de muitas acções de extensão não corresponderem às necessidades da comunidade, o que acontece graças à não participação desta na definição das mesmas, é outro obstáculo (Marchetti, 1980).

A fraca atribuição financeira que o Estado dá para actividades deste género constitui-se, também, como factor inibidor (Crespo, 1993), a par da incipiência das redes interinstitucionais e do conhecimento imperfeito de muitas das instituições envolvidas no processo de extensão do terreno (Cristóvão e Portela, 1992)

Por fim, se é verdade que a legislação tem impulsionado a extensão, nomeadamente entre nós, também é verdade que existe um grande desfazamento entre o que tem sido proclamado e a prática. A verdade é que os textos legislativos<sup>1</sup> são contraditórios. De facto, como se pode esperar promover a extensão se “para efeitos do serviço prestado por um docente universitário contam-lhe, sobretudo, as horas de docência” e “para efeitos de avaliação e progresso na carreira, consideram, sobretudo, a investigação que faz e os trabalhos que pública”? (Cristóvão e Portela, 1992: 13)

Estas são algumas razões que ajudam a compreender a não efectivação da extensão universitária. Vejamos agora alguns dos aspectos considerados essenciais para uma melhor concretização da mesma

<sup>1</sup> Referimo-nos à Lei de Bases do Sistema Educativo e à Lei da Autonomia das Universidades

### ***Algumas Exigências***

O ponto de partida deve ser a recusa de alguns aspectos que têm caracterizado a Universidade da modernidade, como lhe chamaria Santos (1994). Quanto a nós, é importante recusar a ideia de ligação preferencial à indústria, sempre que tal ponha em causa princípios básicos da Universidade; é urgente substituir o método assistencialista de muitas acções, que se caracteriza por atribuir um papel passivo aos beneficiários (Marchetti, 1980), por métodos que promovam a participação das comunidades (Santos, 1994); e, por fim, é necessário afastar a tendência para a imposição de acções às comunidades, com as quais, estas, muitas vezes, não se identificam.

Defendemos uma Universidade que se baseie nos ideais pós-modernos e que seja inovadora e democrática. Ou seja, uma Universidade que na sua actividade em geral e no exercício da extensão em particular promova o “reconhecimento de outras formas de saber” (Santos, 1994: 194). Uma Universidade que promova “o diálogo interinstitucional ( ) estimulando o seu compromisso social” (Cristóvão e Portela, 1992: 30). Uma Universidade que realize uma verdadeira integração entre as diferentes funções, porque se assim não for, se a extensão continuar separada das outras funções, corremos o risco de termos uma Universidade cuja responsabilidade social se esgota no ensino e na investigação (Marchetti, 1980).

Enfim, somos por uma Universidade com autonomia e com responsabilidade social, ou seja, não servil e que oriente as suas acções de apoio para as necessidades das comunidades, actuando preferencialmente à escala local, tendo em conta um novo sentido do desenvolvimento (Santos, 1994; Boudon, 1990), realizando avaliações regulares das suas acções, quer internamente quer junto das populações e de parceiros, e que crie canais de recepção e emissão de informação no sentido de uma verdadeira democratização (Santos, 1994).

O que propomos é de difícil concretização, mas não é impossível, pois não se trata da invenção de um lugar totalmente novo, mas sim do que Santos (1994: 280) designou por “heterotopia”, ou seja de uma deslocação radical dentro do mesmo lugar, o nosso, no caso o da Universidade. Julgamos que esta transformação é necessária e acreditamos que através dela todo o “potencial de serviço à comunidade” da Universidade (Cristóvão e Portela, 1992: 26) possa

ser posto em prática, contribuindo, então sim, para o desenvolvimento das comunidades.

Tais transformações dependem da adopção dum processo de permanente interrogação crítica das suas actividades, como dissemos. Ou seja, é evidente a urgência da realização duma avaliação da instituição no seu todo, e em particular da sua extensão, sendo de realçar, neste caso, a importância de se saber o que pensam outras entidades envolvidas no processo de desenvolvimento acerca do seu desempenho.

### **Visão Externa da Função Extensão da UTAD<sup>2</sup>**

Procurar saber o que pensam outros actores regionais sobre o desempenho da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) em actividades de extensão pareceu-nos relevante. Alguns autores, como Marchetti (1980) ou Ribeiro (1984), alertam-nos para este aspecto, ou seja, para a importância da Universidade saber o que os outros pensam dela acerca desta matéria. Na verdade, a informação proveniente dessas entidades pode ajudar a criar parcerias, a clarificar campos de acção e a otimizar recursos. Pode trazer à Universidade informação sobre as necessidades das instituições. Pode, ainda, dar-lhe a conhecer o grau de satisfação destas em relação à sua actuação.

Para chegarmos à visão que os actores regionais têm da extensão desta Universidade analisámos quatro dimensões: o grau de abertura da UTAD; a cooperação; as expectativas em relação à extensão; e a qualidade e quantidade de trabalho de extensão realizado pela Universidade. Ou seja, procurámos saber o que pensam os outros sobre cada um destes aspectos, através da aplicação de entrevistas abertas formais aos representantes das instituições seleccionadas.

A selecção das instituições baseou-se num processo de amostragem intencional. A escolha fez-se após um conjunto de entrevistas realizadas na UTAD,

<sup>2</sup> Estes resultados, bem como a reflexão precedente, são parte da tese intitulada 'A Universidade e o Apoio à comunidade: o Caso da UTAD', realizada no âmbito do mestrado em *Instrumentos e Técnicas de Apoio ao Desenvolvimento Rural* da UTAD defendida em Julho de 1999.

que levou a uma listagem 77 instituições com quem ela se relaciona preferencialmente (instituições utilizadoras dos seus serviços e/ou instituições com quem coopera ou cooperou em acções de extensão), partindo do princípio que os inquiridos terão referido as entidades mais importantes. Destas, foram as da Região de Irás-os-Montes e Alto Douro (56) as que nos interessaram. Com base no maior número de referências que cada uma teve e procurando ter a maior diversidade possível de situações, seleccionámos 18 instituições, das quais obtivemos resposta em 14 casos.

### ***Grau de Abertura da UTAD***

No que diz respeito ao grau de abertura da UTAD, não houve consenso entre os entrevistados. Para cinco ela é uma instituição aberta, com forte ligação ao meio, ao qual tem fornecido informação, conhecimentos técnico – científicos, recursos humanos, entre outras formas de apoio. O excerto seguinte reflecte esta posição:

*" a UTAD é de facto uma instituição aberta à comunidade ( ) Exemplo disso é a semana da cultura organizada pela UTAD ( ) Faz a análise das águas da rede pública em alguns municípios. Isto para não falar nos inúmeros colóquios ( ) Depois temos a área da vinha, da pecuária, onde é conhecido o apoio dado à comunidade. Tem um hospital veterinário que é muito útil ( ) Na área do património cultural ( ) colabora com as câmaras. No plano do desporto e dos tempos livres, há a preocupação de levar as pessoas a desenvolverem actividades deste tipo, nomeadamente através da cedência de instalações e do forte apoio dado a outras instituições de desporto ( ) A UTAD tem um organismo, o ITIDAI, que tem como objectivo implementar projectos de desenvolvimento. Portanto, isto são aspectos que mostram que está voltada para o exterior e que participa nele, apoiando-o"*

Posição contrária foi assumida por outros quatro entrevistados, para quem a Universidade está fechada sobre si, muito voltada para o saber teórico e, por isso, afastada do saber prático e dos interesses das comunidades:

" há muitos docentes e investigadores que olham em demasia para o seu umbigo e não estão voltados para o exterior, estão muito preocupados com o seu saber teórico ( ) e, portanto, o que acontece é a existência de um certo desenraizamento da nossa prática em relação à teoria da UTAD "

" hoje está muito mais fechada, até porque os estudos feitos não vão ao encontro das necessidades da comunidade ( ), e não são feitos a partir de uma consulta a quem mais interessariam "

Os restantes cinco inquiridos adoptaram uma postura intermédia. Isto é, embora não a tenham considerado fechada, pensam que ela poderia estar mais aberta.

### ***Cooperação Institucional***

Sobre este aspecto interessou-nos saber sobretudo, o que pensam os inquiridos acerca dos esforços desenvolvidos pela UTAD. Preocupámo-nos, também, em saber se em cada caso concreto são ou foram desenvolvidas acções em parceria, e o que pensam os actores desse relacionamento.

No que diz respeito à existência ou não de esforços da Universidade para estabelecer parcerias com o objectivo de realizar acções de extensão, mais de metade (oito) dos inquiridos considerou que ela os tem desenvolvido, quatro consideraram que não e dois não responderam.

Dos oito que responderam afirmativamente, dois pensam que tais esforços têm tido sucesso, três não sabem e outros três acham que esses esforços não têm sido postos em prática. Estes últimos referiram-se a aspectos que pensamos merecer alguma reflexão. Um deles alertou para um aspecto que caracteriza o tipo de actuação normal das instituições, a sua actuação individualizada (Azevedo, 1993):

*"Os esforços têm existido, mas os resultados não têm sido muito concretos. Penso que aí há um defeito de todas as instituições, sobretudo das mais prestigiadas, ou seja, a própria UTAD, a Câmara Municipal de Vila Real, o NERVIR, etc. O que se passa é que as instituições dão-se bem, mas ( ) não*

*bá uma reunião de maneira a programarem-se actividades em conjunto, ou mesmo actividades em separado, de maneira a que todos saibamos o que se passa dentro de cada instituição com antecedência ( ) Portanto, a UTAD tem feito esforços para que a cooperação ocorra, no entanto temos sido incapazes de os pôr em prática”*

Ainda de acordo com este entrevistado, o estabelecimento de uma actuação concertada traria vantagens, na linha do que refere Azevedo (1993), como seja a obtenção de melhores resultados, nomeadamente através da não repetição acções:

*”Penso que deveria existir uma reunião anual onde se programassem as acções de cada instituição ( ) Isto evitaria, por exemplo, que as instituições fizessem acções repetidas e também ajudaria a calendarizar essas acções, por forma a que não se realizassem em simultâneo ( ), o que faz com que, quando duas ou três acções se realizam na mesma altura, nenhuma tenha grande aderência da comunidade”*

Estes entrevistados apontaram algumas razões para que os esforços realizados pela Universidade não tenham, até à data, tido êxito. Uma delas já foi acima indicada: a não preparação das instituições para trabalharem em parceria. Um deles corresponsabilizou todas as instituições, inclusive a UTAD, como acabámos de ver. Outro, pelo contrário, deixou-a de fora, apontando o dedo a outras instituições:

*“É natural que nem todos os objectivos traçados pela UTAD tenham sido atingidos, nomeadamente este ( ) isso tem razões ( ) Existem dificuldades em colaborar com certas instituições que têm dificuldades em estabelecer acordos de cooperação ( ) Certos parceiros institucionais não se entendem ( ) o que dificulta todo o processo de cooperação. ”*

Parte deste excerto (“certos parceiros institucionais não se entendem ”) levou-nos novamente a evocarmos Azevedo (1993), que sublinha que, para além de ser normal a actuação individualizada, surgem, por vezes, conflitos entre instituições

Outros dois destes entrevistados referiram-se às características do meio em que a Universidade está inserida, como um factor dificultador do estabelecimento de parcerias:

*“ entendo que os esforços têm sido feitos, mas não é fácil concretizá-los, porque o tecido empresarial é fraco, o associativismo está a dar os primeiros passos ”*

Por fim, um deles enunciou a burocracia do Estado como um obstáculo à concretização da cooperação institucional:

*“ não é fácil estabelecer protocolos quando se esbarra na formalidade do Estado, na burocracia. Por vezes desenvolvem-se ideias ao nível da Região, com parceiros locais, mas a administração central não permite que se ponha em prática tais ideias ”*

Os que consideraram que ela não se tem esforçado para que a cooperação suceda (quatro), também apontaram razões, tendo-se referido a aspectos que têm a ver com o tipo de relacionamento que estabelece com o meio (atitude passiva, atitude patriarcal, o facto de estar muito fechada, a não direccionalidade das acções para as necessidades da comunidade), com a elevada carga de trabalho dos docentes e com o facto de muitas das instituições não estarem habituadas a estabelecerem parcerias<sup>3</sup>

Após esta apreciação geral sobre a cooperação institucional, convém também saber o que se tem passado em relação a cada uma destas entidades. Isto é, existe ou existiu cooperação com a UIAD? Em caso negativo, a que atribuem os inquiridos tal facto? Em caso positivo, qual é a forma que ela tem assumido? E qual é a avaliação que fazem da mesma?

Das 14 instituições, 10 têm ou tiveram acordos de cooperação com a Universidade e 4 não. Num destes casos não foi apresentado qualquer motivo para o sucedido, os outros apontaram como causas: a falta de autonomia da

<sup>3</sup> O número de razões é superior ao de inquiridos. Tal deve-se ao facto de alguns terem referido mais do que uma razão. Esta nota é válida para situações idênticas ao longo do artigo

instituição; a falta de hábito em estabelecer parcerias; e as experiências de relacionamento negativas.

Os que afirmaram terem desenvolvido ou desenvolverem ações conjuntas de extensão com a UTAD, apontaram várias actividades que se inserem em áreas como a agricultura, a formação profissional, o ambiente, o desporto, a educação não formal, o desenvolvimento rural, entre outras

Quanto à forma que essa cooperação tem assumido, predominam as parcerias de âmbito técnico, tendo carácter sempre formal em três casos, informal noutros três e misto em quatro

No que diz respeito aos resultados da cooperação, metade dos inquiridos onde ela sucede realizaram avaliações positivas, entre excelentes (um), muito bons (dois) e satisfatórios (dois)

Pouco menos de metade (quatro) fizeram apreciações mistas, ou seja, apontaram aspectos positivos e negativos, três dos quais sublinharam que a cooperação que existe é satisfatória, mas é pouca. O outro entrevistado fez uma análise temporal dessa cooperação, concluindo que já houve mais e melhor cooperação e que a que tem existido ultimamente não tem resultado, por falta de formação dos actuais docentes para realizarem a extensão, falta de coincidência entre os interesses dos docentes e as necessidades da comunidade e pela cada vez menor participação dos docentes nos problemas da comunidade:

*“O saldo está entre o positivo e o negativo. Nos primeiros tempos existia mais e melhor cooperação. Hoje não e isto resulta, em primeiro lugar, da ( ) falta de formação das pessoas que têm colaborado connosco para ações de extensão. Em segundo, não há um enquadramento das necessidades académicas do docente, ou seja as coisas não avançam porque ele quer vocacionar os resultados para um ponto específico dos seus objectivos, que não são os dos beneficiários. Em terceiro, o próprio posicionamento dos novos docentes e técnicos da UTAD é diferente do da primeira geração, isto não quer dizer que a culpa seja própria, antes resulta do facto de estarem envolvidos por um posicionamento diferente da própria UTAD, que tem ido num sentido de um maior encerramento sobre si e portanto os actuais docentes não participam tanto nos problemas do exterior.”*

Apenas um dos inquiridos fez uma apreciação totalmente negativa em relação à cooperação que existiu:

*“O convénio não chegou a ser implementado, talvez por falta de meios de ambas as partes ( ). Os resultados não foram nada famosos”*

Como vemos, a avaliação feita pelos entrevistados em relação à cooperação entre a UIAD e cada uma das instituições melhora em relação à que haviam feito anteriormente, ou seja, aos resultados dos esforços daquela para estabelecer parcerias em geral.

### ***Qualidade e Quantidade da Extensão da UTAD***

Outro aspecto que nos pareceu relevante foi saber o que pensa o “exterior” sobre a qualidade e a quantidade da extensão da UIAD, quer em geral quer em termos particulares. Ou seja, os representantes das instituições estão satisfeitos com os serviços de extensão da Universidade?

Comecemos pelo grau de satisfação dos inquiridos no que se refere à entidade que representam. Para chegarmos a esses dados tivemos, antes de mais, que saber se tais instituições recorrem, ou já tinham recorrido, aos serviços da Universidade.

Das 14 instituições seleccionadas, 11 já recorreram ou recorrem à UTAD. Estas têm-no feito para satisfazerem várias necessidades: cedência de instalações (campos de futebol, etc.); estudos (sobre um aquífero de águas minerais gasosas, sobre o cancro do castanheiro, etc), informações específicas (na área da sanidade animal, etc), técnicas (análise da água potável, etc), entre outras.

Uma forma das instituições satisfazerem as suas necessidades é através da utilização de canais informais. Este dado não constitui novidade, pois, como vimos, a realização de acções de extensão com base neste tipo de relacionamento é uma das maneiras da UIAD concretizar tal função. A novidade talvez seja a relevância que esta forma de efectuar ganha, pois das instituições consideradas (11), 9 utilizam canais de abordagem informais. Alguns destes inquiri-

dos explicaram como o processo ocorre normalmente, apontando também as vantagens da extensão ser feita desta maneira:

*"É de maneira informal Os nossos técnicos telefonam para os professores e combinam as reuniões, onde se acertam as acções Esta forma de actuação evita os papéis, evita maiores demoras"*

Quanto ao grau de satisfação dos entrevistados com os resultados dos serviços prestados pela Universidade, pode-se afirmar que estão claramente satisfeitos, pois apenas um fez uma avaliação mista dos resultados:

*"Os resultados são sempre positivos, agora realmente proveitoso é que é mais questionável Mas diria que às vezes são proveitosos outras não ."*

Todos os outros se mostraram satisfeitos, tendo classificado os resultados como excelentes (dois), muito bons (um), bons (três) ou satisfatórios (quatro).

E quanto à qualidade e quantidade da extensão realizada pela Universidade a favor da comunidade em geral, o que pensam os entrevistados?

Metade (sete) realizaram avaliações mistas, isto é, fizeram apreciações positivas em relação a um dos indicadores considerados e negativas em relação a outro (destes, apenas um teve considerações positivas quanto à quantidade e negativas quanto à qualidade) Para quatro, a extensão da UTAD tem sido positiva em ambos os aspectos Apenas dois fizeram uma avaliação globalmente negativa e um não emitiu opinião

Analisando as apreciações feitas em relação a cada um destes indicadores em separado, verificamos que a qualidade da extensão é considerada de forma favorável, pois grande parte dos inquiridos (10) referiu-se-lhe de forma positiva; já em relação à quantidade, houve uma inversão, pois mais de metade (8) fez dela uma avaliação negativa

Os adjectivos utilizados por aqueles que efectuaram apreciações positivas em relação à qualidade da extensão foram: aceitável, satisfatória, importante, boa, bastante apreciável, boa e insubstituível Os que realizaram uma avaliação negativa quanto à quantidade da extensão usaram os seguintes adjectivos: bastante fraca, fraca, escassa, limitada, devia ser maior

Os que fizeram apreciações positivas não manifestaram em que aspectos essa positividade se materializava, quer em relação à qualidade quer em relação à quantidade da extensão. Pelo contrário, alguns dos que se manifestaram de forma negativa em relação à quantidade da extensão apontaram razões para o sucedido e também concretizaram em que aspectos tal se traduzia. As razões avançadas por quatro destes, têm origem externa e interna à UTAD. Destes, um referiu-se à falta de meios financeiros como um factor inibidor da extensão:

*" o facto de não haver mais extensão estará, também, ligado à falta de meios financeiros próprios para tal actividade "*

Outra causa identificada foi a progressão na carreira e a desvalorização da extensão para tal caminho:

*" sei que as pessoas estão sempre muito envolvidas na sua carreira e, como a extensão não tem importância para isso, será sempre uma actividade subsidiária "*

Além destas duas causas, de ordem externa, foram avançadas mais duas de ordem interna. Para um dos inquiridos, para que a Universidade realize mais acções de extensão, que resultem simultaneamente de uma maior procura externa, tem de conseguir credibilidade, o que passa pela sua própria organização:

*"Em termos quantitativos penso que poderia fazer muito mais ( ) Penso que o exterior tem que acreditar que a UTAD é capaz para depois lhe pedir serviços, e isso passa ( ) por ter que se organizar internamente ( ) Enfim, é necessário arranjar-se credibilidade e depois exercer acções de apoio à comunidade "*

Para outro, a extensão da UTAD é quantitativamente fraca porque ela não é agressiva:

*" do ponto de vista quantitativo, acho que é fraca, isto porque ela não tem agressividade. Quando falo em agressividade, falo em permitir que outras instituições a substituam em actividades que ela poderia assumir"*

Outro entrevistado, que considerou que em termos quantitativos a extensão da UIAD deixa a desejar, afirmou que tal se traduzia na não abrangência de áreas que estão a descoberto e na não implementação prática de aspectos que estão formalizados:

*" em termos quantitativos há passos a dar, há que pôr em prática coisas que ( ) estão formalizadas ( ) Há aspectos, em áreas em que não há nada, que devem ser ( ) implementados"*

Ainda inserida nesta questão da qualidade e quantidade da extensão praticada pela Universidade, julgámos ser também relevante saber se os entrevistados distinguiam algumas acções, quer em relação à entidade que representam, quer em relação à comunidade.

Em termos particulares, foram distinguidas várias acções, através das quais a Universidade tem sido mais útil a cada instituição, tendo sido a cedência gratuita de instalações, a disponibilização de informação e a análise das águas de consumo, as únicas que foram referidas por dois entrevistados cada (ver quadro 1).

Quanto à identificação das actividades de extensão através das quais a UIAD tem sido mais útil à comunidade, a esmagadora maioria (oito) dos que o fizeram (nove) apontaram acções ligadas ao sector primário, tendo chamado a atenção sobretudo para aquelas que estão ligadas à agricultura: apoio dado à produção do leite, carne e vinho; apoio dado na área da protecção integrada da fruticultura; apoio através dos estudos sobre o castanheiro e a produção de castanha.

Para além das acções nessa área, foram ainda destacados outros serviços, como os realizados pelo Hospital Veterinário em prol da comunidade (dois entrevistados), os realizados no plano cultural (dois entrevistados) ou como o apoio dado a muitas instituições, no sentido de credibilizar projectos por estas apresentados (dois entrevistados). Foram ainda apontadas como acções impor-

**QUADRO 1**

**Actividades de extensão através das quais a UTAD tem sido mais útil a cada instituição\***

Actividade e nº de referências
- Cedência de instalações gratuita (seminários, relvado e salas de musculação): 2
- Disponibilização de informação: 2
- Análises das águas de consumo: 2
- Envolvimento em projectos PAMAF de demonstração: 1
- Apoio dado na formação (elaboração dos currículos dos cursos): 1
- Valorização dos produtos agrícolas (protecção integrada de frutos e conservação biológica da maçã): 1
- Actividades no plano cultural: 1
- Estudos do aquífero termal da região: 1
- Apoio dado pelos alunos da UTAD na formação técnica desportiva e educativa das camadas jovens: 1
- Arranjos paisagísticos: 1

\* Dos 14 inquiridos, 11 apontaram acções, mas como alguns indicaram mais do que uma actividade o nº de referências é superior a 11

tantes a análise da água de consumo, o aproveitamento da energia eólica, o apoio técnico e científico dado à região em geral e a colocação do pólo da Universidade em Chaves como forma de desenvolvimento daquele concelho e da própria região (cada uma destas acções foi apontada uma vez).

Dos nove entrevistados que se referiram a acções através das quais a UTAD tem sido útil à comunidade, um teceu alguns comentários em relação ao ITIDAI, tendo considerado que a sua criação foi uma tentativa generosa da Universidade para promover o desenvolvimento regional, mas que, por razões diversas como os "ciúmes de alguns", a "incapacidade manifesta da parte empresarial, se calhar da parte autárquica e também da própria Universidade", e ainda pelo facto de ter sido "algo que apareceu de cima e sem ser sentida como uma verdadeira necessidade", fez com que as expectativas criadas e metas delineadas tenham sido até então frustradas

Nas palavras deste entrevistado está patente a tendência de se implementarem acções e projectos com base em métodos "paternalistas", que têm o perigo de não corresponderem às necessidades das populações, neste caso das insti-

tuições, e que por isso pode trazer problemas de disfuncionalidade, nada garantindo que, nestes casos, a participação da comunidade ou de parceiros venha a ser efectiva, como alertam Esman e Uphoff (1984)

Dos restantes cinco inquiridos, um afirmou que há uma enorme expectativa em relação à Universidade, mas que ela não tem sabido corresponder; e os outros não responderam a esta questão

É precisamente com a análise das expectativas do exterior em relação à UTAD que terminaremos esta abordagem Interessou-nos, pois, saber o que os actores externos esperam dela

### ***Expectativas em Relação à Extensão da UTAD***

Aquando da reflexão teórica vimos que exigências em relação à Universidade sempre existiram Vimos, igualmente, que as expectativas da sociedade foram aumentando sobretudo depois da década de 60, passando o apelo à prática de uma vertente economicista para uma vertente de âmbito social e político Por outro lado, de acordo com alguns, a Universidade deve preocupar-se com os problemas mundiais, enquanto para outros ela deverá procurar colmatar as deficiências nacionais, regionais ou locais

Efectivamente, as expectativas em relação à Universidade são plurais, nomeadamente as que se referem à sua actuação a nível regional Recorde-se que a OCDE (1987) esperava que as Universidades dos países que a compõem fossem capazes de cumprir 10 funções, entre as quais oferecer serviços vários à sua região Romero (1988) afirma também que hoje é consensual que um dos objectivos da Universidade é a sua intervenção na resolução dos problemas do meio envolvente

Foi nesta última perspectiva que a análise das expectativas em relação à UTAD foi tratada, isto é: quais são as expectativas que diferentes actores regionais têm em relação à Universidade? Confirma-se a tal multiplicidade de expectativas?

No que diz respeito às expectativas de cada uma das 14 instituições, 8 dos entrevistados apontaram acções por explorar ou a desenvolver, através das quais a Universidade lhes pode prestar serviços considerados úteis A formação

contínua dos quadros das instituições foi referenciada por 3 dos inquiridos como uma dessas acções:

*" uma forma de nos apoiar era através da criação de cursos de formação destinados a indivíduos que têm formação média, que no nosso caso são o grosso "*

A transferência de informação e conhecimentos para as instituições foi também apontada por três inquiridos. Destes, um alertou para a necessidade dessa acção ir de encontro às prioridades da instituição e de ser feita numa linguagem acessível:

*" através da transferência de informação e do conhecimento, que vá de encontro aos nossos interesses, dos nossos objectivos e que seja perceptível"*

Dois entrevistados referiram que aquela lhes prestaria um bom serviço colocando estagiários das engenharias nas suas instituições, sendo uma acção da qual também beneficiariam os próprios alunos:

*"A UTAD tem uma secção de Engenharias que nos podia prestar serviços úteis ( ) Através da colocação de alunos estagiários na nossa Câmara Toda a gente sairia beneficiada a Câmara porque recebia o saber que esses alunos já têm; a UTAD e os seus alunos porque lhes proporcionávamos uma forma de concretizar os seus conhecimentos e de entrar em contacto com o mundo do trabalho"*

Para além destas, foram ainda referidas outras acções, nomeadamente serviços vários nas áreas da engenharia civil, planeamento e desenvolvimento regional, e do urbanismo, bem como cedência de material pedagógico. Cada uma destas acções foi apontada por um inquirido.

Em relação ao papel que a Universidade pode desenvolver em favor da comunidade, as expectativas aumentam. Todos os que identificaram actividades concretas ou campos de actuação onde UTAD pode desenvolver acções (10 entrevistados), referiram-se a ela como um instrumento importante para a reso-

lução de problemas regionais, alguns dos quais (4) vêem nela o principal meio de desenvolvimento da região, esperando que os seus líderes académicos se tornem também líderes regionais:

*" a UTAD deve ter um papel maior no desenvolvimento da região e tem que pôr ao serviço da região os seus técnicos ( ) Tem que ser ela a tomar a liderança na região, isto através dos seus líderes, que não podem ser apenas líderes académicos, têm que ser também líderes regionais"*

Outros esperam que a Universidade seja a solução para quase todos os problemas, que consiga revitalizar o mundo rural:

*" a UTAD deve procurar encontrar os antídotos, recriar uma nova maneira para que a sociedade rural se revitalize. Isto é, deve, na sua política de extensão, ser geradora duma cultura empresarial ( ) Espero que promova a sua investigação para a concretização de acções concretas ( ) No sector empresarial é possível reforçar a cultura de empreendedor, no sector agrícola deve ajudar a encontrar um novo modo de produção, nos serviços deve contribuir para a qualificação do seu pessoal, na educação pode colaborar com escolas de outros níveis de ensino, dando formação contínua"*

Outros ainda esperam que a UTAD identifique as áreas com maiores problemas e simultaneamente com maiores potencialidades e para aí dirija a sua extensão:

*" a UTAD deveria adoptar um critério que identificasse as acções mais úteis a partir da identificação dos sectores mais necessitados na região e que, ao mesmo tempo, tivessem fortes possibilidades de se desenvolverem ( ) nestas condições está o turismo, a pecuária, a agricultura e a própria formação Se desenvolver a sua extensão nestes sectores, eles serão certamente desenvolvidos, beneficiando disso a região"*

Enfim, as expectativas do exterior são, na verdade, muitas. O quadro abaixo tenta traduzir o conjunto dessas expectativas, considerando-se agora,

como espelho das mesmas, as áreas de actuação indicadas e não a ideia de ver nela o motor do desenvolvimento da região, até porque tal já ficou claro acima

**QUADRO 2**  
**Serviços de extensão através dos quais a UTAD poderia servir a comunidade em geral\***

Serviços	Nº de referências
- Acções de formação contínua	4
- Serviços na cultura, no desporto e no turismo	4
- Serviços na área da agricultura e pecuária	3
- Divulgação adequada da informação e do conhecimento	2
- Serviços na área empresarial	2
- Estudos de aplicação concreta	2
- Serviços nas águas de consumo e residuais	1
- Serviços de apoio directo às instituições	1
- Serviços na área das engenharias	1

\* Dos 14 inquiridos, 10 apontaram acções ou áreas de actuação, mas como alguns o fizeram por mais de uma vez o nº total de referências é maior que 10

Em geral, confirma-se, neste caso, o que vários autores têm referido, ou seja, há grandes expectativas em torno das Universidades. Como vimos, quer em relação a cada instituição em si, quer em relação à comunidade, o que se espera da UTAD é muito significativo.

De todo o conjunto de dados apresentados resulta a visão externa acerca da extensão UTAD, notando-se, de forma geral, que o principal problema estará na quantidade das acções, que é considerada insuficiente.

Face à pluralidade de expectativas a Universidade terá de se equipar com estratégias de extensão claras, que estabeleçam o cruzamento entre as potencialidades internas e a procura externa (o Serviço Cooperativo de Extensão de Trás-os-Montes e Alto Douro, recentemente criado, poderá desempenhar aqui papel importante). Por outro lado, terá de estabelecer mecanismos organizativos internos adequados e valorizar a participação em plataformas de acção envolvendo os actores da comunidade. Serão estas missões impossíveis? O que diz a experiência de outras Universidades?

*Correspondência. Armando Loureiro. Departamento de Ciências da Educação – CIFOP – da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 5000 Vila Real, Tel (259) 330100 Artur Cristóvão. Departamento de Economia e Sociologia – DES – da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 5000 Vila Real, Tel (259) 302200*

## Referências bibliográficas

- AZEVEDO, R (1993) "Três Elementos Fundamentais Do Desenvolvimento Local: Os Animadores Locais, As Redes De Cooperação E O Partenariado", in M Costa e J. Neves (orgs) *Autarquias Locais E Desenvolvimento*, Porto: Edições Afrontamento
- BARRETO, António (1992) *Os Silêncios do Regime*, Lisboa: Editorial Estampa
- BLOOM, Allan (1988) *A Cultura Inculta: Ensaio Sobre o Declínio da Cultura Geral*, Lisboa: Europa-América
- BOUDON, Raymond (1990) *O lugar da Desordem*, Lisboa: Gradiva
- CABAL, Alfonso (1993) *The University As An Institution Today*, Paris: UNESCO Publishing
- CRESPO, Vitor (1993) *Uma Universidade Para os Anos 2000 – O Ensino Superior Numa Perspectiva de Futuro*, Mem Martins: Editorial Inquérito
- CRISTOVÃO, Artur e PORTELA, José (1992) "A Extensão Rural e a Universidade: Contributo Para Uma Reflexão", *Ciências Humanas e Sociais*, 1, 9-31
- CRUP (1996) *Repensar o Ensino Superior – Diversificação, Mobilidade e Organização Curricular*, CRUP
- ESMAN, J e UPHOFF, I (1984) *Local Organizations. Intermediaries in Rural Development*, New York: Cornell University
- FIGUEIRA, Eduardo (1992) "Conceito, Propósito e Funções da Extensão", *Ciências Humanas e Sociais*, 1, 35-42
- GASSEI, Ortega (1997) *Mision de la Universidad*, Madrid: Alianza Editorial
- LOUREIRO, Armando (1999) *A Universidade e o Apoio à Comunidade o Caso da UTAD*, Dissertação de Mestrado em Instrumentos e Técnicas de Apoio ao Desenvolvimento Rural, UTAD
- MARCHETTI, Maria (1980) *Universidade Produção e Compromisso*, Ceará: Edições UFC
- OCDE (1987) *Que Futuro Para As Universidades*, Lisboa: GEP/ME
- QUEIRO, João (1995) *A Universidade Portuguesa – Uma Reflexão*, Lisboa: Gradiva
- RIBEIRO, M (1984) "O I U I A D Como Agente de Extensão Rural", Comunicação ao II Workshop de Extensão Rural, Universidade de Évora
- ROMERO, J (1988) "Concepções de Universidade" in A Finger (org) *Universidade Organização, Planeamento e Gestão*, Florianópolis: UFSC/CPGA
- RUIVO, B (1994) "Evolução Institucional e Organizativa do Ensino Superior em Portugal" in J

EDUCAÇÃO  
SOCIEDADE & CULTURAS

- Gago (org) *Prospectiva do Ensino Superior em Portugal*, Lisboa: DEPGEF – Ministério da Educação
- SANTOS, Boaventura (1994) *Pela Mão de Alice O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto: Edições Afrontamento
- SARAIVA, P (s/d) "A Universidade e o Ano 2000: Gerir a Passagem do Milénio" Correspondência do M I I, 8-12
- SOUSA, M (1991) *Legislação do Ensino Superior, 1930-1990*, Bragança: Instituto Politécnico de Bragança